

# A atitude de "Sol Nascente"

## PERANTE UM CONFLITO

Torna-se necessário, por variadas circunstâncias, entre as quais avulta a do respeito pelo público, que «Sol Nascente» defina a sua posição em face do conflito que ora se trava, nas nossas colunas e nas da «Seara Nova», entre o sr. Abel Salazar e o sr. António Sérgio.

Para isso é necessário lembrar certos factos, de importância capital no desenrolar do conflito, de forma a que as coisas possam ser colocadas no seu verdadeiro lugar, e não haja erros, ou de malevolência ou de ligeireza de espírito, na justa apreciação deste caso importante.

Ficará a nossa atitude definida, duma maneira clara, e perfeitamente justificada, para que possa vêr-se o papel que neste caso desempenhamos e a porção de responsabilidade que, por êle, nos cabe.

Apareceu no n.º 20 de «Sol Nascente», na secção **Movimento Científico Português**, um artigo assinado com as iniciais A. S., da autoria do nosso colaborador Abel Salazar, no qual se comentava uma série de outros artigos publicados na revista «Seara Nova» sobre **Mecânica relativista e Mecânica clássica**, escritos pelo sr. Almirante Gago Coutinho.

Afirmamos, da melhor boa-vontade, que ao publicar-se o artigo de Abel Salazar não visávamos a uma atitude de «Sol Nascente» contra a «Seara Nova», seu grupo editor ou seus colaboradores. Verificámos o conteúdo das censuras feitas aos artigos do sr. Almirante Gago Coutinho, o tom realmente combativo nelas usado, as censuras que também estavam expressas contra o sr. António Sérgio, director da revista, e contra a própria «Seara Nova». Mas o fundo da questão nêle levantada, correspondia à verdade, como em seguida a própria «Seara Nova» o demonstrou com a aceitação do protesto do Núcleo de **Matemática, Física e Química**, contra os artigos do sr. Gago Coutinho, e com a inserção de artigos de réplica do sr. Prof. Rui Luís Gomes. Considerámos aquele **facto primordial** e a êle nos ativemos. Quanto às opiniões manifestadas sobre a «Seara Nova», deixámos que o nosso colaborador as expressasse—considerando que ela não teria o direito de supôr-se tabú e de não admitir que sobre a sua obra pudessem formular-se críticas no tom formulado.

Não houve da nossa parte a mínima má-vontade, o desejo de ferirmos o grupo editor da «Seara Nova» ou os seus colaboradores. Simplesmente admitimos que o sr. dr. Abel Salazar manifestasse a sua opinião livre, em questões de pormenor, num artigo em que fundamentalmente, duma maneira quasi geral, lhe foi dada razão.

Precisando as coisas desta forma, supomos que se acreditará na nossa maneira de ser sincera para que não se duvide das nossas intenções.

//

Em seguida, ao tom de censura

veemente usado pelo sr. dr. Abel Salazar, respondeu a «Seara Nova», duma forma violenta e agressiva, considerando que havia sido «anavalhada», numa manifestação de «baixo ódio» e de «desvario». Ora isto não correspondia à verdade; o que houve no artigo de «Sol Nascente» não foi «ódio», nem «desvarios», nem «anavalhamentos»; unicamente, simplesmente, veemência crítica. Não grosseiras manifestações de «infra-humanidade», mas tão-sómente declarações que se faziam com clareza, com firmeza, sem ambigüidades, nem disfarces. Era um critério, uma apreciação—que se rebata. Mas—sabêmo-lo—não era ódio, nem desvario, nem anavalhamento. E foi esta violência da «Seara Nova» que levou ao deflagrar da questão e ao seu desenvolvimento até ao ponto em que se encontra.

//

Admitimos facilmente uma reacção do dr. Abel Salazar contra as palavras que feriram a nobreza—que garantimos—das suas intenções e atribuíram propósitos baixos e mesquinhos às suas manifestações públicas. Dirigiu-se então o sr. Abel Salazar ao sr. António Sérgio, numas poucas palavras que, no nosso número 21, publicámos não sem profunda emoção—e com firmeza e perfeita consciência do que fizemos. Esse documento impressionante justificava a sua publicidade por si mesmo—e outra coisa não tínhamos a fazer senão admitir essa declaração e esperar que se seguisse uma exposição integral das afirmações feitas. Eis o nosso procedimento. Um esclarecimento total, integral, completo, decisivo, se impunha—e êle foi iniciado nas nossas colunas no número anterior. O sr. António Sérgio, propôs-se, no número 543 da «Seara Nova», o último até hoje aparecido, esclarecer a questão levantada sobre plágios. Com o maior encarecimento chamamos para êle a atenção dos nossos leitores, principalmente daquêles que queiram seguir o desenrolar desta questão com a maior imparcialidade e o melhor espírito de justiça.

//

Há uma atitude de Abel Salazar que constitue uma ética que «Sol Nascente» muito bem aceita. É aquela que despreza a convenção que leva a distinguir as verdades entre convenientes e inconvenientes. A verdade é uma—e, neste caso, assistamos com serenidade à verificação que dela se faça. A nossa atitude justifica-se por essa ideia—e só por ela.

Mas a admiração e estima que sentimos por Abel Salazar, não nos impedirá de ser serenos e imparciais—e de definir a nossa responsabilidade. Entenda-se: **Amicus Platus, sed magis amicus veritas.**

# PELA SEGUNDA

Pela segunda vez, Sr. António Sérgio, deixêmo-nos de comédias: porque o seu artigo do N.º 543 da «Seara» é tartufismo completo: e tartufismo tipo Sérgio que é do pior. O «truc» é transparente e em nada honra a argúcia do Sr. Sérgio.

Não há crises históricas, nem espasmos de nervos, nem ódio, nem rancores; mas a inquebrantável firmeza de quem, tendo-se convencido de que o Sr. Sérgio é um comediante e um «bluff», lho diz e lho prova, certo porém de que nunca o Sr. Sérgio o compreenderá, porque, como já lhe disse, o Sr. Sérgio é a primeira vítima da sua comédia e do seu «bluff».

Um esquisso caracterológico do seu biotipo fará compreender isso aos leitores na devida altura; por agora tenho apenas de esclarecer ante o público a perfidiazinha típica do seu artigo, e mostrar-lhe que as suas habilidades habituais em nada o salvam da acusação de plagiador—antes, como vai vêr, mais o condemnam.

Esclareçamos, em primeiro lugar, o caso das cartas. Na primeira digo que não tenho qualidades de vulgarizador; e o Sr. Sérgio comenta: «Ah, se A. S. nos dissesse isso em público, que maravilhoso exemplo nos teria dado! Que grande e nobilíssima lição a todos! Que acto digno, etc.!»

Pois disse-o, Sr. Sérgio, e aqui mesmo, no «Sol Nascente», numa das cartas a Casais Monteiro.

Quanto à famosa «ratoeira», a que se refere a 2.ª carta, não valia a pena ter feito o Sr. Sérgio tanto espalhafato, tanta «chantage», e tanta manobra com coisa tão simples e inocente: porque a ratoeira se resume em ter-lhe falado nela na carta: *à bon entendeur...*

A coisa é simples, como digo, e inocente. Sabendo o meio em que vivo, e com quem lido, tive o cuidado de não publicar jámais nenhum texto técnico, sem o ir buscar a fontes autorizadas.

Dáí resultou que o Sr. Sérgio, tendo encontrado logo nas primeiras páginas de Borel umas frases em que êste condena as vulgarizações de 3.ª ordem, logo o Sr. Sérgio, com a sua perfidiazinha habitual, e a sua má-fé bem conhecida, resolveu comprometer o meu esforço ante o público, lançando na disputa êsse veneno. E assim publicou uma nota em que concluía, apoiado na autoridade de Borel, que a minha vulgarização era de 3.ª, 4.ª ou 5.ª ordem (sic!).

Mas a ratoeira estava já armada, e o texto sobre Relatividade apontado ao público pelo Sr. Sérgio, como de 4.ª ou

5.ª ordem, e para o qual chamava a atenção dos iniciados—o texto em questão, era precisamente de Emílio Borel, e de um livro de vulgarização dêste autor. Por forma que temos assim Borel classificando, êle próprio, o seu texto de 4.ª ou 5.ª ordem, apesar de que a 4.ª e 5.ª ordens foram acrescentadas pelo Sr. Sérgio à 3.ª de Borel, para efeitos de polémica.

Como perfídia, é perfeito, Sr. Sérgio; mas o Sr. Sérgio caiu na ratoeira, e quanto mais dela tenta sair, mais nela se enterra:—como precisamente agora com a nova perfídia de publicar, sem consentimento meu, cartas particulares para fins e efeitos «especiais»...

E o seu tartufismo consiste precisamente em vir, a coberto dessa vileza, e explorando-lhe os «efeitos» jornalísticos e polémicos, armar nobre e chorosamente em vítima, ante o público aborrecido, que já nada desta porcaria pode entender...

//

«Trucs» análogos quanto aos plágios. Ora a êste respeito aviso o Sr. Sérgio de que quanto mais procura descalçar a bota, mais esta lhe há-de apertar os pés. Senão vejamos.

O «truc» de dizer que Carnap plagiou Russel, que plagiou De Morgan, que plagiou etc., é tolo e pueril; pois Carnap resume a lógica das relações dizendo bem claramente que ela data de De Morgan e Pierce; enquanto o Sr. Sérgio publica o mesmo resumo, pelas mesmas palavras, dizendo que são *ideas suas* (nas «Palavras a A. S.»), e não citando nem Carnap, nem Russel, nem ninguém. Ora o Sr. Sérgio deve saber que a ética e as praxes intellectuais nos ordenam expressamente fazê-lo.

Recorre ainda ao «truc» de dizer que o «folheto» de Carnap é de 1933:—o que é falso, pois tal opúsculo é uma tradução do artigo do *Erkenntnis* de 1929. Recorre também ao «truc» de dizer que já nas suas chinezices históricas fazia lógica das relações:—mas que tem isso de extraordinário se tal lógica tem 80 anos de existência?

De tudo isto se conclue, portanto, que o Sr. Sérgio, nos seus Ensaíos, faz constantemente uso de uma doutrina que diz claramente, expressamente, *ser sua*, e que no entanto tem 80 anos de existência! E o Sr. Sérgio que nos diz que tal doutrina é *sua*, diz-nos agora que tôda a gente a conhece... E' único! E não pode o Sr. Sérgio dar prova pública mais completa de ignorância basilar e de inconsciência, e ainda de incom-